

**IDENTIDADES E VELHICES: NOVOS VELHOS CORPOS**

Tatiane Rocha Razeira<sup>1</sup>  
Cátia Elizandra Siqueira<sup>2</sup>  
Roberta Bevilaqua de Quadros<sup>3</sup>

**Resumo:** O envelhecimento humano se tornou uma das grandes preocupações sociais da atualidade, tal tema está sendo cada vez mais investigado e discutido por diversas áreas de conhecimento, principalmente a gerontologia que busca desvelar as complexidades do processo de envelhecimento em um aspecto multidisciplinar. O presente texto busca discutir o estado da arte das temáticas corpo e velhice, e articula a construção de identidades das pessoas que estão envelhecendo, caracteriza-se como revisão narrativa das temáticas em questão. A identidade baseia-se na relação do conhecimento que o indivíduo tem de suas potencialidades físicas, de suas ideias e objetivos, papéis sociais e limitações, permite que o indivíduo se perceba como sujeito, assumindo sua realidade e tendo consciência de si mesmo. Na velhice, as limitações, a perda de desempenho de papéis e a interrupção de atividades laborais, demandam novos papéis e responsabilidades, permitindo/exigindo a construção e (re) apropriação de novas identidades. Percebe-se que compreender o corpo é algo que está extremamente relacionado com a consciência, e que sofre grande influência das representações sociais da atualidade, condicionando os indivíduos a exaltar a juventude.

**Palavras-chave:** Corpo; Identidades; Velhices; Envelhecimento.

**Abstract:** Human aging has become one of the major social concerns of the present day. This theme is being increasingly investigated and discussed by several areas of knowledge, especially gerontology that seeks to unveil the complexities of the aging process in a multidisciplinary aspect. This text discusses the state of the art of body and old age, and articulates the construction of identities of people who are aging, characterized as a narrative review of the themes in question. Identity is based on the relation of the individual's knowledge of his physical potentialities, his ideas and goals, social roles and limitations, allows the individual to perceive himself as a subject, assuming his reality and being aware of himself. In old age, limitations, loss of role performance and interruption of work activities demand new roles and responsibilities, allowing / requiring the construction and (re) appropriation of new identities. Understanding the body is something that is extremely related to consciousness, and which is greatly influenced by social representations of today, conditioning individuals to exalt youth.

**Keywords:** Body; Identities; Old age; Aging.

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, PUCRS, Santa Maria, RS. [tatirazeira@gmail.com](mailto:tatirazeira@gmail.com). “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação e Aperfeiçoamentos de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

<sup>2</sup> Mestra em Gerontologia, UFSM, Santa Maria, RS. [catiaeliz@hotmail.com](mailto:catiaeliz@hotmail.com)

<sup>3</sup>Especialista em Movimento Humano, Sociedade e Cultura, UFSM, Santa Maria, RS. [robertabevilaqua@hotmail.com](mailto:robertabevilaqua@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Entender as formas de gestão da velhice na contemporaneidade traz como exigência, segundo Debert (1999), um engajamento em direção à elucidação de como os múltiplos discursos sociais atuam na construção social do envelhecimento. Existe, segundo a autora, um consenso em relação às várias transformações na experiência do envelhecimento no século XX, resultando em mudanças importantes do modelo de velhice, e num aumento de possibilidades e alternativas desses modelos.

A tendência atual é rever estereótipos vinculados ao envelhecimento, à ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, pois o momento torna-se favorável, os filhos estão criados e possuem estabilidade financeira.

De acordo com Hall (2002) as identidades criadas a partir do renascimento cultural e do iluminismo europeu estão em declínio, pautado na compressão espaço-tempo. Nisso, temos uma crise de identidade que fragmenta o indivíduo moderno, esse sujeito era possuidor de um lugar bem determinado socialmente e culturalmente.

No entanto, mudanças estruturais estão trazendo questionamentos quanto a identidades culturais de classe, raça, nacionalidade, sexo e etnia, desestabilizando a ancoragem dos indivíduos no mundo social, seriam segundo Hall (2002), a descentralização das identidades modernas.

Nesse sentido, a presente revisão narrativa apresenta discussões sobre corpo e velhice, altercando sobre a construção de identidades das pessoas que estão envelhecendo, o qual utiliza a análise de outros estudos, obras, artigos ou documentos que tratam do tema em estudo (OLIVEIRA, 2007).

Sendo assim, serão apresentadas algumas reflexões e relações acerca das temáticas em questão, alicerçadas a partir do olhar de pesquisadores e estudiosos renomados na área.

## METODOLOGIA

O presente estudo é uma revisão narrativa. De acordo com Rother (2007) compreendem publicações amplas para delinear e debater o desenvolvimento de um determinado tema, com perspectiva teórica ou conceitual. São estudos que constituem a análise da literatura científica na interpretação e análise crítica do autor, as revisões narrativas podem colaborar na discussão de temas, levantando pontos e contribuindo na obtenção e atualização de dados de maneira rápida.

O processo de coleta do material foi realizado de forma não sistemática no período de setembro de 2018 a dezembro de 2018. Foram pesquisadas bases de dados científicas, tais como: Scielo, Medline e Lilacs. Por fim, estes materiais foram lidos na íntegra, categorizados e analisados criticamente.

## A CONSTRUÇÃO DAS VELHICES E SEUS CORPOS

A representação da pessoa com mais idade sofreu uma série de transformações ao longo do tempo, a partir das alterações nas políticas sociais para a velhice, exigindo assim novos arranjos, adaptados à nova condição moral e à mudança na percepção sobre essas pessoas que estão envelhecendo (PEIXOTO, 2006).

Apesar da mudança nas condições de vida, as representações da velhice permeiam o imaginário social que ainda vincula uma ideia negativa ao envelhecimento. Com frequência, estudos sobre o envelhecimento utilizam como referências as perdas e doenças advindas com a velhice.

Salienta-se que o conceito de velhice faz parte de um processo histórico, que inclui também outras categorias etárias como, por exemplo, a infância e a adolescência. Como toda a categorização, o conceito de velhice passa a produzir, no espaço social, imaginários e estereótipos de grupos e pessoas. Pelo menos dois processos foram de vital importância para esta construção: a formação de um saber médico que passa a se ocupar do corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias (SILVA, 2008).

Com a criação da categoria aposentado, as pessoas que estão envelhecendo tornam-se valorizadas, pois adquirem um estatuto social reconhecido. Este novo recorte proporcionado pela aposentadoria confere uma nova identidade ao universo das pessoas velhas, transformando hábitos e comportamentos.

A aposentadoria, entre outras políticas surgidas através do discurso do que é velhice, acaba por ser o recurso estatal que vai dar conta desse corpo em degeneração (SILVA, 2008). As pessoas velhas passam a moldar e construir suas identidades através de símbolos e significados atribuídos à terceira idade.

Em seus estudos, Hall (1997) coloca em evidência que os sujeitos aprendem o que é “ser velho” e constroem percepções de si baseadas na produção cultural:

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias, experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997, p. 26).

A velhice, antes percebida como decadência física, invalidez, isolamento afetivo e social, passa agora a ser significada como momento de realização pessoal e lazer que não pôde ser vivenciado na juventude. O “velho” passa a ser “idoso”, criando-se assim novas representações do que é ser sujeito nessa idade, ressignificando suas identificações, comportamentos e modos de pensar (DEBERT, 2003).

Para alguns autores, a terceira idade representa a reprivatização da velhice, sendo que, por meio desta nova visão de identidade, criou-se a possibilidade de vivenciar o envelhecimento com uma etapa da vida prazerosa e gratificante, propícia para a realização de projetos e ambições pessoais.

A ideia de velhice, por outro lado, ainda se refere à inatividade, decadência fisiológica e cognitiva e como experiência de solidão e dependência (SILVA, 2008). Percebe-se assim, que os valores sociais e culturais de um determinado tempo e local, normatizam a natureza humana e suas experiências.

Atrelada às normatizações vigentes, o corpo é percebido como veículo social que se descapitaliza com a velhice e não está de acordo com padrões de exigência imposto pela sociedade. Existe uma cobrança pela aparência jovem, colocando as questões relacionadas às mudanças corporais no lócus das discussões sobre velhice.

Assim,

Se a velhice é considerada uma etapa, assim como a infância e a juventude, é nela que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude (BLESSMANN, 2004, p. 27).

Com as novas conformações sociais, as pessoas mais velhas mudaram e a concepção do que é ser velho também, se até o século XIX a sabedoria dos velhos tinha um valor

simbólico, eram vistos como detentores de muitos conhecimentos. A partir do século XX a velhice passa a ser reconhecida pela decadência física e ausência de papéis sociais, seria a morte social como discute Barros (2006) em sua pesquisa.

Atualmente, tem-se uma nova visão para velhice, a qual é estimulada à participação social, ativa e hábitos saudáveis, a velhice não está mais relacionada à idade cronológica, ela passa a ser uma questão de atitude (DEBERT, 1999). Dessa forma, à população de mais idade passou a ser vista como mercado consumidor de inúmeros produtos e serviços, tornando-se um novo contingente a ser explorado e atendido.

Essa visibilidade e a busca por parte das pessoas com mais idade pelo modelo de envelhecimento que vem sendo normatizado proporcionou uma nova concepção de ter/ser um corpo, pois é nesse corpo, que as marcas do envelhecimento tornam-se visíveis.

Assim, envelhecer implica em mudanças em vários aspectos, as quais eram relacionadas à decadência física e espera da morte, e hoje, pode-se pensar também que novas possibilidades surgem.

As pessoas com mais idade não querem ter a beleza de um rosto “marcado pelo tempo” como “um pergaminho”, com aparência desgastada e a espera da morte, não costumam associar a ganhos, benesses ou experiências (MOTTA, 2002, p. 41).

Nesse início de século XXI, com o aumento do mercado consumidor de mais idade, presencia-se a ampliação da oferta de formas de manipulação do corpo, na esperança de que o mesmo permaneça com aparência jovem, tudo a serviço de uma sociedade que quer ver e mostrar corpos jovens, belos e padronizados artificialmente, como ressalta Foucault (1989, p. 147): “fique nu [...] mas seja magro, bonito, bronzeado!”.

Corroborando Debert (1999):

Uma parafernália de receitas, envolvendo técnicas de manutenção corporal, medicamentos e novas formas de lazer, é proposta, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres mais velhos (DEBERT, 1999, p. 19).

É preciso compreender que o corpo é algo que está extremamente relacionado com a consciência, que sofre grande influência da representação social, condicionando os indivíduos a exaltar o que a sociedade preconiza: a juventude. Por isso, muitas pessoas com mais idade buscam desnaturalizar e ressignificar sua condição.

Dessa forma, o corpo que está imbricado nessas representações, precisa ser compreendido. Sendo assim,

(...) um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limites de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2010, p. 28).

Portanto, não se pode pensar o corpo somente como um elemento natural e biológico, mas também como um elemento imerso na cultura, pois sua construção diferencia-se de pessoa para pessoa, de sociedade para sociedade.

## VELHICE: IDENTIDADES EM CRISE?

Ressalta-se aqui o conceito de identidade de Toni (2010) que fala que a identidade baseia-se na relação do conhecimento que o indivíduo tem de suas potencialidades físicas, de suas ideias e objetivos, papéis sociais e limitações. É a identidade que permite que o indivíduo se perceba como sujeito único, assumindo sua realidade e, portanto, a consciência de si mesmo.

Este conceito é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e compreendido. Assim, torna-se quase impossível oferecer afirmações conclusivas, deve-se pensar como um referencial para nortear as reflexões acerca desse tema.

Para Hall (2002) o sujeito possuidor de uma identidade estável está se fragmentando e sendo composto por várias identidades. Esse sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Não é possível dizer que existe velho “em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas, a um determinado tempo de ciclo de vida” (MOTTA, p.78, 2006). Para a autora:

É, portanto, a heterogeneidade que caracteriza o envelhecimento, como todo fenômeno social. Diferenciam-se os idosos segundo a classe social que pertençam, segundo o seu sexo e as relações gênero que estabelecem, suas características étnico-raciais e até conforme seus diferentes grupos de idade, enquanto idosos, na sociedade longeva atual (MOTTA, p.78, 2006).

A sociedade atual percebe a velhice como uma fase de decadência e feiura, a pessoa com mais idade acaba sendo rejeitada no que tange aspectos econômicos, sociais e culturais. As limitações econômicas e físicas (adquiridas ou impostas), a perda de desempenho de papéis e a cessação de atividades exigem aquisição de novas atitudes, para que possa superar a improdutividade econômica através da construção de um protagonismo social, tendo assim, visibilidade (re) apropriando-se de uma nova identidade.

A identidade diz aquilo que somos e como vivemos em sociedade, e como nos comportamos diante dos outros. Sujeito e identidade seguem em paralelo, sendo flexíveis para que possam viver suas diversas identidades. Dependendo da diferenciação que se faz entre o “eu” e “o outro”. Partindo de minha percepção individual passo a diferenciar-me ou identificar-me com o outro. Portanto a identidade forma-se através de uma percepção individual, mas que é retroalimentada pelo outro, sendo que o indivíduo e o social interagem nessa concepção.

A atenção volta-se para a chamada crise de identidade (duplo deslocamento: descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos) que segundo Hall (2005) vem fazendo com que o sujeito tido como unificado se apresente deslocado por conta das transformações societárias ocorridas em escala global.

Essas transformações estão interferindo na construção das identidades pessoais, abalando o que temos de nós mesmos como sujeitos integrados, fragmentando as paisagens culturais, classe, gênero, nacionalidade que no passado forneciam localizações como indivíduos sociais, desestabilizaram-se, houve uma perda do sentido de si, uma descentralização do sujeito no mundo social e cultural.

As velhas identidades, que por um longo período consolidaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, que até então era considerado um sujeito integrado. Assim, a crise é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades

modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma fixação estável no mundo social (HALL, 2005).

Estabelece-se a representação ou significação de papéis na vida individual ou social do ser humano, especificamente do velho, que representa um determinado papel, adota certos valores e comportamentos que respondem às expectativas do outro e que garantem, assim, seu reconhecimento, enquanto indivíduo.

Sendo assim, os papéis sociais também permitem a oportunidade de acesso a lugares, pessoas e atividades ligadas à determinada etapa da vida.

De acordo com Fraiman (1999):

O envelhecimento é parte do desenvolvimento humano integral e não uma predestinação ao fim. Sugere que seja o resultado dinâmico de um processo global de uma vida, durante a qual o indivíduo se modifica incessantemente. Estas mudanças que um ser humano experimenta em qualquer idade podem ser lentas ou abruptas, conscientes ou inconscientes, culturais, históricas, sociais, psicológicas ou biológicas. Quando conscientizadas, requerem dele um confronto, um diálogo entre a sua situação vivencial presente e a anterior (p. 62).

Ressalta Hall (2005) que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas, pois a identidade não é fixa, permanente, mas são identidades abertas, plurais, fragmentadas. Assumimos identidades diferentes em diferentes momentos, não unificadas ao redor do eu, resultado de mudanças estruturais e institucionais que tornam o processo de identificação instável e provisório.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de envelhecimento é um processo heterogêneo, fluído e dinâmico, está carregado de transformações em vários aspectos (físicos, sociais, psicológicos, etc) provocadas pelo tempo que passa e é alheio as nossas vontades, mas que necessita ser compreendido, internalizado e ressignificado.

As transformações ocorridas nas identidades na velhice são resultados de outras tantas mudanças exigidas no processo de envelhecimento humano. Cabe, então, um olhar mais atento, que provoque enfrentamentos na busca de reelaborar, construir ou reconstruir novas identidades.

As pessoas com mais idade estão ressignificando suas vidas, enquanto sujeitos comprometidos com seu mundo, com seu corpo, com seus valores, com suas transformações, enfim, atores e autores de sua história.

E as preocupações e os cuidados com o próprio corpo, na maioria das vezes, estão relacionados à busca de uma aparência saudável e próxima à juventude, são comportamentos socialmente esperados e valorizados por uma sociedade que aprecia corpos jovens e úteis socialmente.

Portanto, a velhice parece ser uma fase em que a preocupação com o corpo é aguçada, seja pelas modificações corporais, percebidas e visíveis, seja por uma forte pressão social, estimulada pela mídia, que exige uma manutenção desse corpo que envelhece na busca incessante de parecer jovem, cria-se a necessidade de disfarçar a velhice.

É importante não reduzir os sujeitos a aspectos biológicos, genéticos ou sociais permitindo que estes desenvolvam planos e realizações pessoais nesta época da vida na qual a experiência adquirida pode trazer bem-estar e qualidade de vida de forma mais ampla e satisfatória.

Cada pessoa constrói seu processo de envelhecimento, processo que ocorre durante toda vida e faz-se necessário considerar as várias possibilidades e escolhas, cada pessoa deve

(ria) eleger de que forma irá vivenciar esse processo, o qual não é permitido eliminar, mas, transformar! Envelhecer é viver, pois são duas as opções segundo Beauvoir (1990), morrer ou envelhecer.

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. M. L. de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 52, 109-132, 2006.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento**. Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004.

DEBERT, G. G. As formas de gestão da velhice e a reprivatização do envelhecimento, **In: A reinvenção da velhice**. SP: Ed. USP/FAPESP, 1999.

DEBERT, G. G. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8 edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

FRAIMAN, A. P. **Coisas da Idade**. São Paulo: Ed. Gente, 1999.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, v. 1, p. 71-83, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S. **A identidade em questão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2007. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=987](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=987)>. Acesso em: 28/04/2012.

MOTTA, A. B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, 13, 191-221, 1999.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MOTTA, A. B. Visão Antropológica do envelhecimento. 2ª Edição. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: **Velhice ou terceira idade?** Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. Enfermagem**, 2007; 20(2):v-vi.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, ciências, saúde**. v. 15, n. 1, p. 155-168, Manguinhos: RJ, 2006.

TONI, I. M. **Reconstruindo a identidade na velhice através da educação**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/reconstruindo-a-identidade-na-velhice-atraves-da-educaca1756249.html>. Acessado: 09 de março de 2015.